



O OLHAR DA CRIANÇA PARA A VIVÊNCIA DA GINÁSTICA ARTÍSTICA NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Tatiane Costa Leite - Unisinos

Resumo:

Esta pesquisa apresenta uma reflexão sobre o aprendizado da ginástica artística na educação física escolar, examinada a partir das manifestações dos alunos da 3ª série de uma escola pública localizada na Região Metropolitana de Porto Alegre-RS. O estudo é de caráter qualitativo e de cunho etnográfico. Autores como: Nunomura e Piccolo, 2005; Schiavon, 2003; Brochado, 2005 e Koren, 2004; Pimenta, 2006 e Gonzaga, 2006 sustentam as dimensões teórico-metodológicas estudadas. A partir da análise de conteúdo realizada, foi observado que a ginástica artística vivenciada de maneira lúdica possibilita um melhor aprendizado ao aluno, favorecendo o processo de ensino-aprendizagem e o reconhecimento de si. Da experiência propiciada durante as aulas de Educação Física são trazidas neste trabalho duas dimensões que representaram a ginástica artística: *significados, aprendizagem*. Para além dos significados dos alunos, possibilitou uma reflexão a respeito da prática pedagógica dos professores de Educação Física, no sentido de que a Educação Física precisa ser pensada para os alunos, proporcionando um momento diferenciado de aprendizagem, com constante acompanhamento do professor desempenhando o seu papel pedagógico. Contudo, faz-se necessário, planejar as aulas com coerência, a fim de trabalhar amplamente as capacidades das crianças, buscar capacitação para desenvolver essa modalidade e encontrar um espaço para a ginástica artística na escola, explorar ao máximo o espaço escolar que deve ser o lugar para a construção do conhecimento, para formação do aluno e professor. É, pois, este o ambiente em que ambos são protagonistas de suas histórias.

Palavras-chave: Significados na aprendizagem; Desenvolvimento na infância; Prática pedagógica.

Introdução

A Educação Física é uma prática pedagógica que, na escola, trata do conhecimento de uma área chamada de cultura corporal, configurada com temas e formas de atividades expressivas, tais como: os esportes, as ginásticas, as lutas, os jogos e as danças, as quais formam o que se chamam *cinco culturas corporais da Educação Física* (Soares et alii 1992). Essas possibilitam a ampliação e a diversificação dos conteúdos, além da apropriação de novos saberes e conhecimentos.

Neste vasto campo da Educação Física surge à questão: o que essa disciplina engloba? Conforme Soares et alii (1992), só faz sentido essa pergunta quando há a preocupação em compreender a prática e transformá-la. Koren (2004, p. 14) diz: “como educadora, acredito

que poderá haver uma compreensão mais ampla e significativa nas descobertas [...] à medida que nos colocarmos abertos para novas experiências educacionais e as empregarmos em sala de aula”. Pois tudo que o aluno vivencia e é oportunizado vai refletir na transformação das fases da vida. Em relação a esse conceito, Tani (2008, p. 65) afirma: “as experiências que a criança tem durante este período determinarão, em grande extensão, que tipo de adulto se tornará”. Se os educadores reportarem-se às suas lembranças, direcionando-se a realizar uma reflexão sobre as múltiplas maneiras que lhes foram propiciadas e possibilitaram a construção de momentos inesquecíveis enquanto crianças, poderão perceber que muitos deles foram responsáveis pela transformação do que cada um é hoje.

Na perspectiva de White (1975, p. 302), “todas as coisas que as crianças veem e ouvem na infância e na sua meninice são profundamente impressas no seu espírito”. Sob essa reflexão, destaca-se que os educadores têm a responsabilidade de contribuir no processo de desenvolvimento pessoal e de aprendizagem dos alunos, auxiliando na construção de sua própria história e na apropriação dos saberes de forma significativa. Este estudo convida os educadores a repensar pedagogicamente a Educação Física, proporcionando possibilidades de desenvolvimento e de reflexão quanto a suas práticas.

Ao proporcionar uma prática diferente, que atenda às necessidades de cada fase do desenvolvimento da criança durante a sua infância, esse estudo teve como foco identificar os sentidos e os significados da prática da ginástica artística na escola, baseando-se pelas verbalizações dos alunos sobre suas percepções acerca da ginástica artística vivenciada.

Ginástica artística - educação física escolar - desenvolvimento na infância

A GA pode ser vista sob diferentes prismas; por exemplo, como ginástica escolar e de alto rendimento. De acordo com Nunomura e Piccolo (2005), ela é ótima promotora do desenvolvimento físico e motor, ou seja, uma das modalidades que melhor contribui para as crianças em desenvolvimento. Segundo Galahue (2001), na infância, as crianças desenvolvem rapidamente uma série de habilidades que são fundamentais, como os movimentos unilaterais e bilaterais. As habilidades motoras básicas são o rolar, o equilibrar-se, o saltar e o girar. “Aprender a executá-los, combinando-os em sequência de movimentos facilita o aprimoramento das capacidades físicas mais complexas e amplia as possibilidades de desempenho das habilidades motoras” (Piccolo et alii, 2005, p. 32). Além disso, contribui para a concentração, a disciplina, o respeito e para as características dos domínios cognitivo e socioafetivo.

Sob a perspectiva de Brochado (2005), algumas características da GA se destacam. São elas:

a. Na área psicomotora: proporciona domínio, percepção espacial; controle dos movimentos (parar, controlar os movimentos da cabeça); lateralidade; consciência corporal, limite de força, tempo de resistência e reconhecimento dos limites.

b. Na área socioafetiva: favorece o trabalho em equipe; o respeito e a compreensão com o próximo; possibilita a superação do medo; auxilia a criança a reconhecer o perigo, a avaliar os riscos e a procurar soluções; proporciona alegria e satisfação com as conquistas e sucessos; auxilia na formação da personalidade.

c. Na área cognitiva: contribui na compreensão dos movimentos; no reconhecimento dos próprios erros e no dos colegas; no entendimento da relação entre força, resistência, flexibilidade e agilidade; na compreensão da necessidade e da importância da concentração.

Para Koren (2004), à medida que a criança cresce e se desenvolve, gradualmente ela passa a descobrir e conhecer as possibilidades de ação que seu corpo lhe proporciona. Envolvida por vários estímulos e ao estar no meio deste largo universo de movimentos que vivencia a cada momento, dar-se-á o desenvolvimento de sua capacidade cerebral. Durante a infância, a criança precisa de uma atenção especial e, para que o seu desenvolvimento ocorra de forma ideal e satisfatória, necessita receber condições adequadas que favoreçam seu crescimento.

Ao viver a infância brincando e aprendendo através das atividades, ela automaticamente adquire maiores experiências, que resultam no desenvolvimento do sistema motor, e brincando a criança avança em relação aos seus níveis reais de desenvolvimento (Velardi, 1997). Isso, segundo Tani (2008), é a base para o crescimento do organismo humano, e essas atividades, quando desenvolvidas de forma satisfatória, farão com que a criança tenha uma sequência de sucessos significativos em sua vida. Complementado por Kamii (1991), o desenvolvimento é um processo lento, e são necessárias muitas semanas ou meses de ensino pacientemente ministrado para se alcançarem os resultados esperados. Nessa abordagem, destaca Galahue (2001), os aumentos do corpo, que acontecem de forma lenta, são característicos deste período, porém na altura e no peso são estáveis, porque se encontram rumo a um progresso de maior organização dos sistemas sensório-motor. Esses aumentos lentos referidos pelo autor fazem parte do desenvolvimento e crescimento da criança, são processos inter-relacionados, dois conceitos considerados sinônimos, entretanto cada um tem suas características, que podem ser descritas conforme Galahue (2001):

a. Crescimento: refere-se à totalidade da alteração física, ao aumento do tamanho do corpo, causado pelo aumento das células.

b. Desenvolvimento: são alterações no nível de funcionamento físico no decorrer do tempo e significa que, ao longo da vida, é necessário ajustar, compensar ou mudar para obter e manter a habilidade.

A esse respeito Tani (2008) afirma que o crescimento e o desenvolvimento são dois aspectos importantes para a maturidade plena do organismo. São processos que estão relacionados e podem ser sinônimos um do outro. O crescimento aumenta o tamanho das células nos diversos sistemas do organismo e o desenvolvimento são as transformações ocorrentes nas células. Durante o desenvolvimento e o crescimento do corpo da criança as células se multiplicam no organismo e o controle desse processo é realizado por essas células que podem ou não ativar genes que são influenciados pelas próprias células.

Na fase de desenvolvimento em questão, as crianças precisam receber estímulos em três aspectos, que Galahue (2001) define como áreas do comportamento humano, também definidas por Tani (2008) como domínios de aprendizagem que atuam em conjunto. Por isso devem ser trabalhados de forma integrada; são eles:

a. Domínio cognitivo: envolve a relação funcional entre a mente e o corpo. Fazem parte desse domínio as operações mentais, tanto a descoberta como a retenção de informações. A participação dos aspectos cognitivos em qualquer ação motora possibilita uma melhor programação e controle dos movimentos.

b. Domínio psicomotor: compreende todas as alterações físicas e fisiológicas no decorrer da vida, e os processos de alteração, estabilização e de regressão na estrutura física e na função neuromuscular. Esses processos estão relacionados aos domínios dos movimentos em função de um envolvimento muito amplo do aspecto mental. Os movimentos estimulam os impulsos nervosos e farão crescer a rede de neurônios, atuando na amplitude da capacidade motora.

c. Domínio socioafetivo: envolve sentimentos e emoções quando aplicados ao próprio indivíduo e a outros por meio do movimento. Contempla a confiança motora, o autoconceito e a socialização cultural. Estão relacionados ao ensino-aprendizagem: motivação, interesse, responsabilidade, cooperação e respeito ao próximo.

Esses domínios de aprendizagem, quando experienciados pela criança, no ambiente em que ela convive e ao qual se adapta, influenciarão em seu crescimento. Tal desenvolvimento é sistemático, ou seja, acontece de forma linear. Existe uma ordem de crescimento e de desenvolvimento em todo o organismo.

Ao se compreender a importância desse processo, percebe-se que a função do professor é proporcionar aos alunos atividades que contemplem todos esses aspectos que influenciam no desenvolvimento. É preciso criar meios para adequar as atividades, considerando as possibilidades e limitações, relacionando com a idade cronológica, fisiológica e emocional da criança.

Para Behrens (2010), o papel da escola é formar cidadãos críticos, produzir o conhecimento com autonomia e, com criatividade e espírito investigativo, provocar a interpretação do conhecimento e não apenas a sua aceitação. Para isso é preciso adotar uma prática organizada que promova a apropriação de instrumentos e saberes, com autenticidade, criando condições para melhorar a aprendizagem, de forma que o aluno e o professor sejam protagonistas. O professor contém a informação e, à medida que essa é transmitida ao aluno, ele pode se apropriar e construir seus próprios saberes com autonomia, e o professor, no seu importante papel, se legitima como interlocutor qualificado. Conforme afirma Cosme (2011, p. 64), “aprender é um processo que se inicia a partir do contato de significados que cada um constrói [...]” e estabelece entre a sua realidade e as regras sociais existentes e pré-estabelecidas, a partir das vivências, partilhando as atividades e experiências pessoais.

O foco aqui, portanto, é pensado em uma perspectiva pedagógica, voltando o olhar para os conteúdos. Esses permitem a possibilidade de introduzir uma prática na escola que torne as aulas mais dinâmicas, oportunizando aos alunos as mais variadas experiências de movimentos, estimulando a liberdade, a criatividade e o autoconhecimento. “No ambiente escolar, o trabalho com modalidades gímicas deve estar intimamente relacionado às propostas educacionais, proporcionando vivências diversificadas, sem fins competitivos” (Schiavon, 2003, p. 9). A área do conhecimento ideal para essa prática é a aula de Educação Física, com conteúdos curriculares específicos.

Sobre autoconhecimento, Kunz (2005, p. 15) destaca:

Não se trata de formar pessoas que se conheçam melhor, apenas, mas formar gente consciente de que jamais conhecerá tudo de si, pois isso consiste em conhecer a humanidade e o mundo. É imprescindível que a educação desencadeie um processo de conhecimento de si através dos valores humanos encontrados em cada indivíduo, possibilitando condições para que cada aluno [...] encontre, por suas referências internas e não apenas do mundo exterior [...] o que ele de fato é em relação ao mundo, aos outros e a si próprio.

Conforme estudos no âmbito da ginástica (Nunomura e Piccolo, 1998; Barbosa 1999; Koren, 2004; Schiavon, 2003), apesar de serem muitas as contribuições dessa modalidade

para o desenvolvimento das habilidades, podendo fazer sentido e significado ao aprendizado dentro de um contexto da Educação Física, ela “atualmente, não existe como conteúdo de ensino na escola” (Ayoub, 2003 apud Schiavon, 2003, p. 12) ou pouco existe. Esses e outros estudos também indicam as falhas na formação profissional. Falta de materiais e de espaço, entre outros fatores, são citados como justificativa para a falta dessa cultura na escola, incluindo, ainda, a falta de domínio do conteúdo pelos professores o fator mais agravante.

Coforme observa Schiavon (2003, p. 14):

A falta de conhecimento em ginástica faz com que a maioria dos profissionais não visualize as possibilidades de execução de elementos da GA permanecendo uma imagem de leigos a respeito das possibilidades de ensino dessas modalidades no ambiente escolar.

As múltiplas opções de conteúdos para a Educação Física, juntamente com uma certa insegurança e falta de habilidade do professor, somando com a falta de espaço e material, podem ser apontados como razões dessa modalidade não ser contemplada na escola (Schiavon, 2003). Para a prática lúdica da ginástica na escola, o espaço pode ser adaptado, a utilização de materiais alternativos podem ser uma opção para a prática e aprendizado dos alunos.

Sobre a metodologia

A metodologia empregada na pesquisa foi qualitativa, observacional etnográfica de caráter exploratório, envolvendo observações, vivências e entrevistas semiestruturadas, acompanhadas de roteiros e registros sistemáticos. Com esse delineamento de pesquisa, é possível uma aproximação maior com os sujeitos investigados, possibilitando uma melhor compreensão da realidade e favorecendo novas interpretações dos fenômenos (Minayo, 1994).

Os participantes dessa pesquisa foram 17 alunos, nove meninos e oito meninas entre oito e dez anos, de uma turma de 3ª ano de uma escola pública localizada na Região Metropolitana de Porto Alegre-RS. O instrumento principal da pesquisa foram 12 intervenções realizadas no espaço da escola durante as aulas de Educação Física, desenvolvidas pela própria pesquisadora no período de junho/2011 a setembro/2011. No primeiro contato com os alunos foi apresentada a proposta de como seriam as aulas de

Educação Física, caso eles concordassem em participar do estudo. Após a aceitação por parte dos alunos e a autorização dos pais através do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, foram realizadas as intervenções semanais que tiveram por base aquelas descritas por Brochado (2005).

O espaço para as intervenções foi utilizado de acordo com a estrutura da escola, que não dispunha de lugar específico para a prática da ginástica e nenhum material oficial.

Findadas as intervenções, foram realizadas entrevistas individuais semiestruturadas. Os depoimentos foram gravados e posteriormente transcritos. A compreensão dos dados foi realizada através de análise de conteúdo (Gibbs, 2009). A partir dos registros foram definidas categorias, conforme Laville e Dione (1999) baseadas nos temas que mais se destacaram nas falas dos alunos, essas relacionadas com os argumentos teóricos para uma melhor compreensão dos dados.

A prática vivenciada

Ao vivenciar a experiência da ginástica na escola, as alegrias e emoções proporcionadas por esta prática lúdica, pode-se perceber que algumas crianças não souberam verbalizar tudo que a ginástica significou para elas, ou seja, no momento das entrevistas ficaram retraídas, tímidas. Devido a isso apresentaram limitações para responder às perguntas com clareza. Sobretudo, durante a realização das atividades, transmitiram através da linguagem corporal o que haviam compreendido dos ensinamentos, envolviam-se nos próprios movimentos, com os colegas, persistiam no exercício e vibravam com as conquistas. É importante ressaltar que a ginástica na escola não tem como meta descobrir novos atletas, mas buscar um melhor resultado no processo de ensino-aprendizagem.

Por meio de análise das entrevistas realizadas com os alunos, destacaram-se as seguintes categorias: Significados e aprendizagens. A partir destas categorias foi possível descrever a visão que a criança tem em relação à prática da ginástica artística na escola e o que essa experiência representou em seu aprendizado.

Significados

Aprender algo novo, novas sensações, conhecer o próprio corpo, suas capacidades e limites através da ginástica artística, foi uma experiência significativa para os alunos. “Legal” e “divertido” traduz as diversas manifestações apresentadas pela turma durante a vivência, era

perceptível aos olhos o prazer em realizar aquela prática. Através das entrevistas, os alunos confirmaram que gostaram muito das aulas, estavam abertos ao aprendizado. Conforme percebemos em algumas falas: *“Antes não tinha essas atividades na educação física eu ia gostar se tivesse sempre!”* (Mônica)¹; *“eu achei bem legal, porque a gente não sabia dessas coisas, e agora a gente aprende e sabe fazer e conhece”* (Florzinha). Demonstravam preferências pelas atividades, ora distintas, ora semelhantes, o que mostra, de uma certa forma, a identidade de cada um: *“eu gostei mais da ponte e do rolinho para trás, mais ainda gostei da estrelinha, mas mais ainda do elefantinho”* (Mônica); *“a parada de mãos eu não sei, gosto mais da parada de 3 apoios”* (Perna Longa); *“eu gostei mais de parada de mãos e elefantinho, eu gosto de todas, mas acho mais sem graça a estrelinha porque é mais simples”* (Florzinha).

Essas falas sustentam as observações durante a vivência, pois os alunos pediam para repetir e fazer mais os elementos preferidos. Quando sentiam dificuldades de executar o movimento, no primeiro momento a recepção era negativa: *“esse não gostei, vamos fazer o elefantinho”* (Bob); até conseguir executá-lo e ouvir da professora: *“conseguiu, muito bem!”*, então queriam repetir. De alguma forma isso pode indicar a importância da intervenção do professor no sentido de estimular a execução do movimento pelo aluno, que tende a desistir quando não bem sucedido.

Sobre esse sentimento de prazer que a GA proporcionou aos alunos participantes do estudo, os registros dessa discussão vem ao encontro do que afirma Koren (2004 p.151):

[...] os movimentos gímnicos permitem que a criança vivencie diferentes sensações corporais a partir de suas próprias descobertas e o ato de brincar com seus movimentos corporais, naturalmente desperta uma enorme sensação de satisfação, fazendo com que aproveitem bem sua oportunidade de experimentar.

A aprendizagem de um domínio corporal através de movimentos da ginástica proporciona à criança uma sensação prazerosa, de alegria e diversão. Isso tudo é possível durante a aula regular de Educação Física, sem necessariamente uma estrutura oficial, apenas com os materiais disponíveis e adaptados; um pouco que resulta em muito para as crianças que estão sendo propiciadas com um novo aprendizado.

¹ Os nomes utilizados neste estudo são (personagens de desenhos animados) meramente fictícios, garantindo-se a preservação de identidade dos participantes.

Esse período em que puderam vivenciar algo novo foi marcado diferentemente a cada momento, e como todo projeto, as intervenções tiveram início e fim. Uma das expectativas era que ao final do trabalho os alunos ficassem com “gosto de quero mais”, isso foi constatado e verbalizado, expressaram vontade de continuar com as aulas, de aprender ainda mais a ginástica e com a ginástica na escola, *“queria mais aulas assim, melhorei na sala também”* (Patolino). Mesmo deparando-se com dificuldades, aos poucos cada um, no seu tempo conseguiu obter um progresso. As crianças em desenvolvimento têm suas limitações e o seu tempo para aprendizagens motoras e o desenvolvimento corporal que são influenciados por vários fatores, não apenas da proposta pedagógica e da vontade própria. Conforme Gallahue (2001), o aprendizado motor pode ser um processo durante toda a vida e a aptidão para o aprendizado depende da convergência de fatores biológicos, ambientais e físicos. Sobretudo, destaco a percepção desses alunos sobre suas aprendizagens, representada pela fala da *Moranginho*: *“Quero aprender as outras atividades [...] fazer as outras coisas que não consegui, vou treinar em casa”*. Sobre o tempo individual de cada criança para o aprendizado, vale ressaltar, que é um processo lento, e para alcançar os resultados esperados são necessárias muitas semanas ou meses de ensino (Kamii, 1991). Outro item revelado, apenas por três alunas, mas indicador de que as crianças percebem outros fatores que não somente o que é legal e divertido foi os benefícios para a saúde: *“Faz bem para o corpo, sinto mais energia”* (Pocahontas); essa fala de uma das crianças, da mesma forma que outras que virão a seguir, revela também sua preocupação com a saúde do corpo, percebendo os benefícios que pode obter com a prática da ginástica na escola, para além do aprendizado pedagógico que os professores objetivam. *“É bom pra aprender, pro nosso corpo não ficar enferrujado, o meu tava antes e agora não ta mais”* (Margarida). Essa aluna, assim como *Moranginho* (*“Sinto mais energia, antes sentia preguiça e agora não sinto mais”*), identifica também uma mudança no próprio corpo, não apenas ao conseguir realizar os movimentos, mas ao sentir-se mais disposta para outros afazeres e para as outras aulas. Conforme ressalta Koren (2004) durante o crescimento e o desenvolvimento, gradativamente a criança irá descobrir e conhecer novas possibilidades de ações e modificações que seu corpo lhe proporciona.

Aprendizagens

A categoria “aprendizagem do novo” foi surpreendente, pois, quando perguntado: “O que mais gostou?” os alunos não listaram as atividades que mais gostaram, mas sim, que as aulas como um todo proporcionaram um aprendizado novo, que foi importante para eles. A

ginástica vivenciada de maneira lúdica é um momento da aula de Educação Física em que os alunos aprendem algo novo, diferente da realidade cotidiana. *“Eu aprendi tudo isso daí, nem sabia que existia, a única que eu sabia era a bananeira, que pra nós (agora) é a parada de mãos”* (Perna Longa). Essa experiência, que oportunizou a muitos dos alunos terem um contato com algo totalmente novo, é constatada na fala de *Aladin*: *“Não conhecia nada, aprendi tudo aqui”*. Registrado também por *Florzinha*: *“a gente não sabia dessas coisas, e agora a gente aprende e sabe fazer e conhece”* desenvolvendo reconhecimento e uma imagem positiva de si.

Já, na categoria “aprendizagem do conhecido da forma correta”, além de registrarem as novas aprendizagens, os alunos que já conheciam alguns elementos da ginástica reconheceram também que aprenderam o que já conheciam da maneira correta: a estrelinha, o rolinho, a parada de mãos, muitas vezes as crianças começam a se arriscar sozinhos, mas durante a vivência perceberam que, na aula de ginástica na educação física, é que aprenderam executar da maneira correta, ou seja, houve um avanço na aprendizagem simplesmente por essa percepção. *“eu fazia a estrelinha diferente, não parava em pé do modo que tem que parar, eu sentava”* (Mônica). Envergonhada Sininho também revela: *“Aprendi tudo aqui. Eu sabia um pouco o rolinho pra frente, mas não igual eu aprendi aqui o jeito certo, eu já colocava a cabeça e rolava... agora faço direito”*. Realizando o movimento correto, para além do corpo da criança avançar maturacionalmente, evitam-se possíveis lesões. Entretanto, cabe ressaltar que ao ter a iniciativa de realizar o movimento com uma técnica própria, o aluno demonstra uma aptidão para desenvolver-se nas atividades, e poderá ter mais facilidade de aprender a executar o movimento da maneira correta; isso se pode observar durante as intervenções, alguns alunos, mesmo antes de saber como era a execução do movimento, se arriscavam a demonstrar; a cada novo elemento eles sempre eram indagados se já conheciam, se tinham visto em algum lugar. Normalmente, o *Patolino*, o *Perna Longa*, a *Florzinha* e a *Sininho* sempre queriam demonstrar, lembravam se tinham visto em algum lugar ou imaginavam como seria o movimento e realizavam, demonstrando dessa forma aptidão para a atividade. Esses alunos ao aprenderem a execução da maneira correta tinham mais facilidades e auxiliavam os outros colegas.

Através da GA, o professor tem condições de oferecer para a criança a possibilidade de uma ampliação do vocabulário motor, de desenvolvimento global e de suas potencialidades (Velardi, 1997). Observando o grupo, foi perceptível durante as intervenções o desenvolvimento das potencialidades dos alunos e o avanço gradativo da maturação corporal de cada um. Inspirada em Gallahue (2001, p. 74), “a maturação é evidenciada por meio de

crescentes habilidades” que vão sendo melhoradas por meio da prática. Quando começamos as intervenções, os alunos estavam um tanto quanto retraídos, apresentavam muitas limitações e dificuldades nos movimentos mais básicos da GA. No decorrer das aulas, com a prática regular, aos poucos foram apresentado um desenvolvimento crescente nas habilidades, visível na facilidade da execução e no aperfeiçoamento do movimento, facilitando o aprimoramento das capacidades físicas mais complexas e ampliando as possibilidades de desempenho das habilidades motoras (Piccolo 2005).

Considerações

O mundo é do tamanho do conhecimento que temos dele. Alargar o conhecimento, para fazer o mundo crescer, e apurar seu sabor, é tarefa de seres humanos. É tarefa, por excelência, de educadores (RIOS, 2006, p. 24).

Como um todo, a Educação Física proporciona o desenvolvimento corporal e contribui na formação integral da criança através de atividades físicas. Sendo assim, fica evidente o valor da Educação Física escolar, pois as atividades realizadas nessa disciplina proporcionam à criança a construção de seu conhecimento através de culturas corporais. A ginástica artística vivenciada de maneira lúdica possibilita um melhor aprendizado ao aluno, favorecendo no processo de ensino-aprendizagem e reconhecimento de si. Realizar atividades através da cultura das ginásticas foi algo de grande satisfação, pois durante as intervenções pudemos vivenciar junto com os alunos a experiência que estava passando em cada um, além de perceber o impacto que essa prática causou. Para eles foi uma Educação Física diferente da então já vivenciada no cotidiano escolar, expressada por eles através dos próprios movimentos, da fala, com alegria, muitos risos e muita vibração.

Através desse estudo foi possível observar e acompanhar a criança em seu processo educacional de forma significativa, constatando que a GA é realmente uma cultura corporal que promove o desenvolvimento físico e motor das crianças, auxiliando também na construção da identidade desses alunos. Isso porque, além do desenvolvimento psicomotor, os alunos apresentaram melhoras significativas na área cognitiva e socioafetiva, reveladas pelos próprios alunos durante as entrevistas: *“melhorei na sala também [com a outra professora]”* (Patolino). Com base nesses achados, acreditamos que se a GA for aplicada como conteúdo disciplinar fundamentado. Assim como outras culturas já presentes na Educação Física escolar, ela poderá contribuir positivamente na formação do aluno, pois é uma modalidade

com diversos elementos que o colocam em desafio para explorar seus movimentos, capaz de estimulá-lo para descobrir e desenvolver seus próprios potenciais. Essas representações e significados dos alunos para a GA mostram a importância de incluir diferentes culturas de forma pedagógica na escola.

Faz-se importante e necessária a ampliação das discussões que abordam a temática da ginástica artística na escola, assim como de outras culturas corporais do movimento que possam vir a melhorar o ensino nas aulas de Educação Física.

Vivenciando diversas situações propiciadas durante o período de realização da pesquisa, são possíveis algumas reflexões acerca da construção da docência, interpretada por Nóvoa (1992, p. 9): “ser professor obriga a opções constantes, que cruzam a nossa maneira de ser com a nossa maneira ensinar, e que desvendam na nossa maneira de ensinar a nossa maneira de ser”.

A Educação Física precisa ser pensada para os alunos, proporcionando um momento diferenciado de aprendizagem, com constante acompanhamento do professor desempenhando o seu papel pedagógico. Contudo, faz-se necessário, planejar as aulas com coerência, a fim de trabalhar amplamente as capacidades das crianças, buscar capacitação para desenvolver essa modalidade e encontrar um espaço para a ginástica artística na escola, explorar ao máximo o espaço escolar que deve ser o lugar para a construção do conhecimento, para formação do aluno e professor. É, pois, este o ambiente em que ambos são protagonistas de suas histórias.

REFERÊNCIAS

BEHRENS, Marilda Aparecida. *O paradigma emergente e a prática pedagógica*. Petrópolis: Vozes, 2005.

BROCHADO, Fernando Augusto; **BROCHADO**, Mônica Maria Viviane. *Fundamentos de ginástica artística e de trampolins*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 30. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

LAVILE, Christian; **DIONE**, Jean. A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas. Porto Alegre: Artmed, 1999. 340p.

GALAHUE, David L; **OZUM**, John C. *Compreendendo o Desenvolvimento Motor: Bebês, Crianças, Adolescentes e Adultos*. São Paulo, Phorte Editora Ltda, 2001.

GIBBS, Graham. *Análise de dados qualitativos*. Porto Alegre: Artmed, 2009.

- KAMII**, Constance. *Princípios de ensino*. In: **KAMII**, Constance; **DEVRIES**, Rheta. Jogos em grupo na educação infantil: implicações da teoria de Piaget. SP: Trajetória cultural, 1991.
- KOREN**, Suzana Bastos. *A ginástica vivenciada na escola e analisada na perspectiva da criança*. Dissertação de mestrado. FEF-UNICAP, 2004.
- KUNZ**, Eleonor. *Prática Didáticas para um “Conhecimento de Si” de Crianças e Jovens na Educação Física*. In: **KUNZ**, Eleonor (org.) Didática da Educação Física. Ijuí: Unijuí, 2005.
- MINAYO**, Maria Cecília de Souza. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1994. 269 p.
- NÓVOA**, António (org.) *Vidas de Professores*. Portugal. Porto editora, 1992.
- NUNOMURA**, Myrian; **PICCOLO**, Vilma Lení Nista. *Compreendendo a Ginástica Artística*. São Pulo: Phorte, 2005.
- PIRES**, G. L.; **NEVES**, A. *O trato com o conhecimento esporte na formação em Educação Física: Possibilidades para a sua transformação didático-pedagógica*. In: **KUNZ**, Eleonor (org.) Didática da Educação Física. Ijuí: Unijuí, 2005.
- RIOS**, Terezinha Azeredo. *Compreender e ensinar, por uma docência da melhor qualidade*. 6 ed. São Paulo: Cortez, 2006.
- SCHIAVON**, Laurita Marconi. *A Ginástica Artística como conteúdo da Educação Infantil*. Monografia FEF-UNICAMP, 1996.
- SCHIAVON**, Laurita Marconi. *O projeto crescendo com a ginástica: possibilidades nas escola*. Dissertação de mestrado. FEF-UNICAMP, 2003.
- SOARES**, Carmen Lúcia Soares [et al]. *Metodologia do Ensino de Educação Física*. São Paulo: Cortez, 1992.
- _____. *Educação Física: raízes européias e Brasil*. 4. ed. Campinas: Autores Associados, 2007. 143 p.
- TANI**, Go; [et al]. *Educação Física Escolar: fundamentos de uma abordagem desenvolvimentista*. São Paulo: EPU, 2008.
- VELARDI**, M. *Metodologia de ensino em Educação Física : Contribuições de Vygotsky para reflexões sobre um modelo pedagógico*. Campinas, SP: [s.n.] 1997.
- WHITE**, E. G. *A Orientação da Criança*. Santo André: Casa Publicadora Brasileira, 1975.